

revista

MUNDO  **ESCOLAR**

Ano 3 nº 8

FTD
EDUCAÇÃO

Imersão na língua. E na cultura

A EDUCAÇÃO BILÍNGUE PODE APROFUNDAR
A VISÃO DE MUNDO DURANTE A FORMAÇÃO

STANISLAS DEHAENE

Aprender a ler, uma
Revolução no cérebro

ALFABETIZAÇÃO

Escolher um método
não é a solução

EDUCAÇÃO INFANTIL

É preciso dar asas
à imaginação da criança

**POTENCIALIZAMOS TALENTOS,
ACELERAMOS
RESULTADOS.**



DANIEL SERRA
Piloto oficial,
Bicampeão da Stock Car

FLÁVIO MARCELO FILHO
Engenharia Civil - Universidade
Federal de Alagoas



ACELERADORES DE RESULTADOS®

140 TEMAS DE
REDAÇÃO
28 SIMULADOS
36 PERÍODICOS DE
ARTICULAÇÃO
+ KIT CADERNOS
ENEM



LÚCIA HELENA BENINI
920 na nota da Redação do Enem

LUIZ FILIPE CORREA REIS
Medicina - Universidade Estadual
de Montes Claros

FTD
EDUCAÇÃO

Um mundo cada vez mais bilíngue

Já faz algum tempo que virou lugar-comum dizer que praticamente o mundo inteiro está interconectado. A internet já é uma realidade para 70% dos brasileiros. Ou seja, dos nossos atuais 211 milhões de habitantes, 140 milhões navegam na rede. O número de usuários cresce a uma velocidade bem maior que a população brasileira.

Segundo dados do relatório *Digital in 2019*, o Brasil ganhou 10 milhões de internautas em 2018, um aumento de 7,2%, enquanto a população cresceu 0,7% por cento. E, como se sabe, a língua universal da internet é o inglês, idioma de 70% das páginas publicadas. O inglês tornou-se a língua franca da rede, aquela que mais proporciona oportunidades de novas pesquisas, negócios, amizades e experiências de todo tipo.

Mas, nessa chuva de números, o ambiente fica menos otimista quando constatamos que apenas 5% dos brasileiros têm um bom domínio do inglês, em nível suficiente para uma comunicação mais aprofundada. Ou seja, a imensa maioria da população ainda sofre com a precariedade de expressão no idioma que mais se fala no mundo.

A correção de rota dessa questão tão estratégica e emergencial passa pelo incremento educacional: hoje, com as descobertas sobre cognição e linguagem feitas nos últimos anos, sabemos que será muito mais fácil dominar outra língua quanto mais cedo se tiver contato com ela. Crescer bilíngue é muito mais fácil do que tornar-se bilíngue depois de adulto.

Por isso, como em tantos outros campos, as escolas cada vez mais vêm descobrindo o que e como fazer para incorporar essa nova demanda formativa em seus processos cotidianos. Mas, longe de um modismo passageiro, esta parece ser uma necessidade que veio para ficar, da mesma forma que a internet e o mundo digital.

É hora de acelerarmos a transformação de nossas escolas em bilíngues. Afinal, muitas portas devem se abrir com os recém assinados acordos entre Mercosul e União Europeia. A grande ironia do destino é que a Inglaterra, terra-mãe do idioma em que devemos nos comunicar, optou por não fazer parte dessa nova derrubada de fronteiras.

Editorial Revista Mundo Escolar

revista **MUNDO**  **ESCOLAR**

Equipe de trabalho FTD EDUCAÇÃO

Ricardo Tavares
Ceciliany Alves Feitosa
Gisele Cruz
Gabriela Palomo Capila de Melo
Fagner Vinicius Rodrigues
Rodrigo Bittencourt Albuquerque

Participação especial

Ana Carolina Costa Lopes
Camila Dias

Realização:  segmento

Presidente:

Edimilson Cardial

Curadoria:

Rubem Barros

Projeto gráfico e diagramação:

Débora de Bem

Gerente de publicidade:

Márcia Augusta de Paula

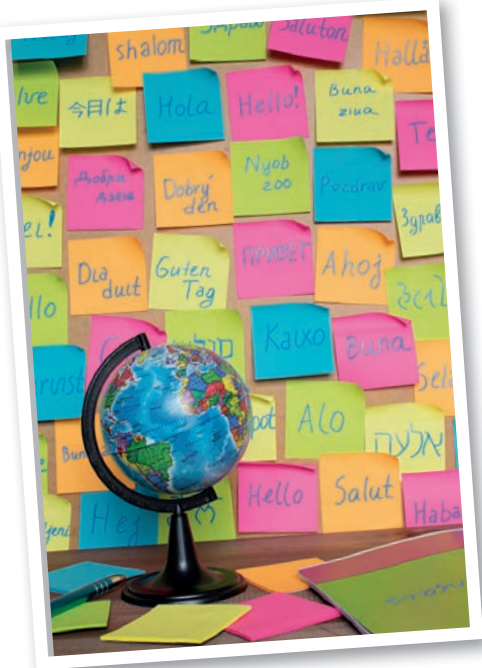
A revista **Mundo Escolar** é uma publicação trimestral da FTD Educação sob licença da Editora Segmento. A revista reúne conteúdos relevantes para toda a comunidade escolar, originalmente publicados em veículos que compõem o portfólio de publicações da Editora Segmento. Distribuição gratuita.

Impressão:

FTD
EDUCAÇÃO | **GRÁFICA &
LOGÍSTICA**

FTD Educação

Rua Rui Barbosa, 156
Bela Vista - São Paulo
CEP 01326-010
www.ftd.com.br



CAPA

O SEGUNDO
IDIOMA

12

ENTREVISTA

06

STANISLAS DEHAENE
APRENDER A LER:
UMA REVOLUÇÃO NO CÉREBRO

CAPA

20

IMERSÃO NA LÍNGUA.
E NA CULTURA



CAPA

24

FALTA DE REGULAMENTAÇÃO
CONFUNDE ESCOLAS BRASILEIRAS

ENTREVISTA

26

SELMA MOURA
“O MELHOR MOMENTO É O POSSÍVEL”

ALFABETIZAÇÃO

30

A FALSA QUESTÃO DO MÉTODO



PRIMEIRA INFÂNCIA

34

EM FOCO

O CÉREBRO DA CRIANÇA

EDUCAÇÃO INFANTIL

38

ESPAÇO PARA A IMAGINAÇÃO

PESQUISA

42

CÉREBROS COM MAIOR CONECTIVIDADE
TÊM MAIS FACILIDADE PARA APRENDER
SEGUNDA LÍNGUA



Arquivo pessoal/Stanilias Delaene

Por **Mariana Sgarioni**

STANISLAS DEHAENE

APRENDER A LER: UMA REVOLUÇÃO NO CÉREBRO



o ler este texto você está executando uma tarefa para a qual seu cérebro não foi concebido. Você pode até achar que a leitura é um ato quase automático. Mas seu cérebro não acha. Pelo contrário, ele faz uma

verdadeira ginástica para se adaptar ao ato de ler. Neste momento, uma revolução de sinapses está acontecendo a cada fração de segundo para que você possa decifrar as palavras aqui impressas. Isso porque a escrita é algo recente, se pensarmos na escala da evolução humana (tem cerca de 5 mil anos). Quem conseguir se lembrar do próprio processo de alfabetização vai saber que não se trata de algo tão fácil. “Todas as crianças, seja qual for a língua, encontram dificuldades para aprender a ler. Estima-se que 10%, quando adultas, não dominem a compreensão de texto”, afirma o matemático e neurocientista francês Stanislas Dehaene. ▶

Em seu livro *Os neurônios da leitura* (Artmed, 2012), o diretor da Unidade de Neuroimagem Cognitiva do Instituto Nacional de Pesquisa Médica e de Saúde da França mostra que pesquisas da psicologia cognitiva experimental já mapearam as áreas envolvidas no reconhecimento da palavra escrita no cérebro. Tal descoberta questiona metodologias empregadas nas escolas, que, em sua maioria, diz Dehaene, fazem do aluno uma máquina de soletrar, incapaz de prestar atenção no significado.

Segundo ele, o cérebro aprende melhor pelo som do que pela imagem. Ou seja: o ensino deveria ser centrado nos fonemas, e não em figuras. Tanto que, foi constatado, há um progressivo aumento da atividade de duas regiões cerebrais ligadas ao tratamento fonológico durante o aprendizado da leitura.

Nascido no norte da França, Dehaene primeiro se dedicou aos estudos da matemática. No entanto, sua paixão sempre foi o funcionamento do cérebro. Hoje, é professor no

Collège de France. “Meu interesse pela capacidade de ler é porque se trata do principal movimento que o cérebro realiza ao longo da vida. Há outra mudança importante, que é o aprendizado da matemática.” Ele pretende que a pedagogia e a psicologia possam se beneficiar dos estudos da neurociência para criar métodos de ensino mais eficazes. “A escola transforma nosso cérebro”, diz. “Para o bem, claro”, completa.

O senhor afirma que a leitura causa uma reviravolta nas nossas funções cerebrais preexistentes.

Por quê?

Em primeiro lugar, gostaria de lembrar que a leitura é uma das várias atividades que o homem criou nos últimos milhares de anos. E trata-se de uma das mais recentes. A escrita nasceu há cerca de 5.400 anos e o alfabeto propriamente dito não tem mais de 3.800 anos. Se pensarmos na evolução humana, esse tempo é mínimo. Nosso genoma ainda não teve tempo de se alterar para dar conta de desenvolver um cérebro adaptado à leitura. Por isso, afirmo que o ato de ler é uma revolução: mesmo sem termos essa capacidade, o estudo de imagens cerebrais nos mostra que adquirimos mecanismos extremamente requintados exigidos pelas operações da leitura.

Como isso acontece em nosso cérebro?

Temos uma plasticidade sináptica desde que nascemos até a idade adulta. É ela que faz uma reconversão parcial da arquitetura do nosso córtex visual de primatas para reconhecer letras e palavras. Aprender a ler possibilita uma conversão de redes de neurônios, inicialmente dedicadas ao reconhecimento visual de objetos. Embora não exista uma área pré-programada para a leitura, podemos localizar diversos setores do córtex cerebral como responsáveis pela atividade. Um setor está em contato com as entradas visuais; outro codifica essas entradas com precisão espacial; outro integra as entradas de uma vasta região da retina, e assim sucessivamente. No córtex estão os neurônios mais adaptados à tarefa de ler. Especificamente, nos humanos, quem responde é o córtex occipitotemporal esquerdo. Porém, se no curso da aprendizagem, por alguma razão, essa região não estiver disponível, então a região simétrica do hemisfério direito entra em jogo.

Isso quer dizer que o cérebro é tão plástico que é capaz de se transformar e atender a qualquer uma de nossas necessidades?

Não. Existe a teoria, aliás, revisitada por inúmeros pes-

A escrita nasceu há cerca de 5.400 anos, o alfabeto não tem mais de 3.800. São recentes, em termos de evolução

quisadores, que aderem a um modelo que eu chamo de plasticidade generalizada e relativismo cultural. Segundo ela, o cérebro seria tão flexível e maleável que não restringiria em nada a amplitude das atividades humanas. Diferentemente de outras espécies, ele seria capaz de absorver toda forma de cultura. Pretendo mostrar em meu livro que dados recentes da imagem cerebral e da neuropsicologia recusam esse modelo simplista. Ao examinar a organização cerebral dos circuitos da leitura, vemos que é falsa a ideia de um cérebro virgem, infinitamente maleável, capaz de absorver todos os dados de sua cultura.

Entretanto, somos capazes de atividades extraordinárias, como ler, por exemplo.

Sim, nosso cérebro é evidentemente capaz de aprender. Porém, essa capacidade é limitada. Em todos os indivíduos do mundo, não importa a cultura ou o idioma, a mesma região cerebral – com diferenças mínimas – é ativada para decifrar palavras escritas. Minha hipótese é diferente dessa do relativismo. Proponho o que chamo de “reciclagem neuronal”. De acordo com essa hipótese, acredito que a arquitetura do nosso cérebro é construída com bases fortes genéticas. Mesmo assim, os sentidos do nosso córtex visual possuem uma margem de adaptação, uma vez que a evolução nos dotou de certa plasticidade e capacidade de aprendizagem. Isso quer dizer que os mesmos neurônios que reconhecem rostos ou corpos podem desviar-se de suas preferências e responder a objetos ou formas artificiais, como as letras. Nosso cérebro se molda ao ambiente cultural, não respondendo cegamente a tudo o que lhe é imposto. Ele apenas converte a outro uso suas predisposições já presentes. Ele faz o novo com o velho. O cérebro não evoluiu para a escrita, por exemplo. Foi a escrita que evoluiu para nosso cérebro.

Como “a escrita evoluiu para o nosso cérebro”?

Examine os sistemas de escrita. Eles revelam numerosos traços em comum. Por exemplo: todos, sem exceção, incluindo caracteres chineses, utilizam um pequeno repertório de base cuja combinação gera sons, sílabas e palavras. Essa organização se ajusta à hierarquia das nossas áreas corticais, cujos neurônios reconhecem unidades de tamanho e invariância crescentes. O tamanho e a posição dos caracteres também correspondem à nossa capacidade de visualização e retenção.

Dessa forma, existe então um sistema de alfabetização mais eficaz para o nosso cérebro?

“DESCONFIO DE CARTILHAS CHEIAS DE DESENHOS E POUCO TEXTO. EXISTE UM RISCO ENORME DE OS ALUNOS MEMORIZAREM AS POSIÇÕES FIXAS DE CADA PALAVRA. DÃO A IMPRESSÃO DE SABEREM LER, MAS NÃO SABEM”

Sem dúvida. Em vez de focar os esforços no ensino das unidades visuais, é preciso mudar para unidades auditivas. Sons, fonemas. Jogos fonológicos podem auxiliar, desde pequena, a criança a reconhecer palavras. É preciso ajudar a criança a identificar os diferentes sons que compõem uma palavra para só depois fazê-la compreender que as letras representam esses sons. Depois disso é que a criança estará pronta para juntar as letras. Desconfio de cartilhas muito coloridas e bonitas, cheias de desenhos e pouco texto, assim como cartazes desenhados nas paredes da escola que trazem as mesmas letras na mesma posição o ano inteiro. Existe um risco enorme de os alunos – em geral, os mais brilhantes – memorizarem as posições fixas de cada palavra ou a aparência da página. Dão a impressão de saberem ler, mas não sabem.

Existe, portanto, diferença entre aprender a ler e compreender o texto.

Sim, claro. A compreensão daquilo que se lê não está descrita em minha pesquisa. Mas isso requer a ►

“EM VEZ DE FOCAR OS ESFORÇOS NO ENSINO DAS UNIDADES VISUAIS, É PRECISO MUDAR PARA SONS, FONEMAS. JOGOS FONOLÓGICOS PODEM AUXILIAR, DESDE PEQUENA, A CRIANÇA A RECONHECER PALAVRAS”

mobilização de competências cognitivas muito mais complexas do que as envolvidas no processo da alfabetização. Para compreender não é necessário saber ler. Há adultos analfabetos que entendem muita coisa, apenas não aprenderam a ler.

Existe idade ideal para aprender a ler? Há prejuízos quando isso ocorre na idade adulta?

Pesquisei toda a literatura disponível a respeito da idade ideal para a alfabetização. Há países que alfabetizam alunos com 6 ou 7 anos e até mais tarde. Outros, com 4 anos. Não encontrei nada que sugira que exista um período crítico para esse aprendizado. Não haverá danos para o cérebro se o aprendizado for mais tarde – ele reconhece objetos novos o tempo todo, não importa a

Todas as crianças são capazes de ler, sem exceção. Algumas com um pouco mais de dificuldade, outras não

idade. Continuamos aprendendo, mesmo aos 40, 50 anos. Há diversos estudos internacionais com adultos que aprenderam a ler perfeitamente. Portanto, não acredito nessa limitação.

Há alguma ativação cerebral peculiar em quem lê e fala mais de um idioma? E em quem domina línguas com alfabetos ou grafias diferentes?

Nós não sabemos o que se passa exatamente com pessoas bilíngues, ou seja, alfabetizadas em dois idiomas. Fizemos experiências com pessoas que leem chinês e outra língua e constatamos que praticamente a mesma região cerebral é ativada. Evidentemente devem existir microdiferenças, mas nada marcante.

Nosso cérebro decodifica letras e números da mesma maneira?

Não. Os estudos mostram que não é a mesma região cerebral que analisa as letras e os números. Pesquisamos pessoas que perderam a capacidade de ler e continuam reconhecendo números. Há uma pequena região lateral, a um centímetro daquela que reconhece as palavras, que é a responsável pelos números. As formas das letras e dos números são diferentes e culturais. As letras estão ligadas à linguagem e os números, ao senso de quantidade. São dois sistemas diferentes de entendimento.

De que forma acontece a alfabetização no cérebro de pessoas cegas e surdas?

É extraordinário, pois os cegos que aprendem a ler em braile, uma atividade tátil, ativam a mesma região cerebral da leitura. É incrível, pois essa região não recebe estímulos visuais, mas recebe os estímulos táteis. As formas visuais das palavras são ativadas pelo tato, ao tocar as letras em braile. É uma experiência que transforma as imagens em sons, o que demonstra que a língua falada não é exclusivamente visual, ela também é tátil. O aprendizado em braile é muito eficiente. No caso dos surdos, o aprendizado é mais difícil. É como aprender a ler numa outra língua – uma criança brasileira lendo em chinês, por exemplo. Ela não conhece os fonemas, as representações fonéticas. É preciso que o professor tenha o conhecimento dessa dificuldade, e uma maneira de trabalhar é ajudando o aluno a tomar consciência da fonologia, tocando em sua boca a região correspondente ao fonema quando se pronunciam as palavras. Quero lembrar, no entanto, que todas as crianças são capazes de aprender a ler, sem exceção. Algumas com um pouco mais de dificuldade, outras não.



Shutterstock

Além das estratégias de sala de aula, há outras atividades que favorecem o aprendizado da leitura e da escrita?

O sono é essencial para consolidar a aprendizagem. É o que cérebro faz durante a noite. Pais que reclamam de dificuldades de aprendizado ou de distúrbios de atenção devem, num primeiro momento, entender que a noite é para dormir, e não para ficar no computador ou na televisão. Todos os cérebros são capazes de aprender. Apenas é preciso sistematizar o ensino.

Pesquisas mostram que os brasileiros leem pouco e não praticam a atividade por prazer. Uma das causas pode estar no processo de alfabetização?

Eles podem não ler livros, mas leem muito pela internet. Hoje há formas diferentes de leitura. Na internet, é possível

ler bastante, pesquisar, procurar novas informações. Há muito mais pesquisas, por exemplo, do que antes. Não acredito na falência da leitura, muito pelo contrário. Acho que ela vai continuar, mas de outra forma. Assim como nós também evoluímos desde Gutenberg (*gráfico alemão que revolucionou a escrita com a invenção da prensa de tipos móveis*). Vamos descobrir novos meios de escrita e leitura. E, com certeza, nosso cérebro vai se moldar novamente. 🧠

Matéria originalmente publicada na revista **Neuroeducação**, edição 6

O SEGUNDO IDIOMA

ESCOLAS BILÍNGUES CRESCEM A ÍNDICES BEM MAIORES DO QUE OS DA EDUCAÇÃO PARTICULAR TRADICIONAL, NUM PAÍS ONDE APENAS 5% DA POPULAÇÃO DOMINA OUTRA LÍNGUA ALÉM DO PORTUGUÊS — COMPETÊNCIA FUNDAMENTAL PARA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO E NO MUNDO MODERNO

O brasileiro decidido ou encaminhado a aprender outro idioma foi forçado, historicamente, a se contentar com uma entre quatro opções: um curso fora do colégio regular, um professor particular competente, uma das caríssimas escolas internacionais ou o aeroporto mais próximo. Mas uma nova tendência educacional, lançada há menos de uma década, consolida-se no mercado com potencial para ampliar fortemente o ensino da segunda língua, sobretudo o inglês, nos próximos anos. Ela envolve as parcerias de colégios particulares com empresas de programas didáticos, pedagógicos e de gestão para transformar escolas tradicionais em bilíngues. São contratos de fornecimento de material didático, treinamento de educadores, tecnologia, plataformas digitais, métodos de integração entre idioma e conteúdo, avaliação de resultados e de proficiência.

“Os dados apontam para um caminho aparentemente irreversível: a rápida conquista de espaço, pelas escolas com bilinguismo, no mercado de ensino de idiomas”, resume Fernando Rodrigues, diretor administrativo da Associação Brasileira do Ensino Bilíngue (Abebi) e de operações da Simple Bilingual Education, uma das grandes empresas do setor.

E o fim da estrada é distante. De acordo com o último censo escolar do MEC, o país tem cerca de 40 mil escolas privadas, 21% das 184,1 mil unidades brasileiras. A Abebi estima que, no máximo, 3% dessas particulares (1,2 mil) tenham hoje algum ensino bilíngue. Para comparação, na Argentina, Uruguai e Chile, esse percentual bate nos 8%. O gigantismo do território e da população dificulta a implantação de qualquer projeto nacional brasileiro. Feita a constatação, é fácil perceber que, apenas para chegar aos factíveis 8% dos *hermanos*, o sistema precisaria incorporar mais duas mil escolas particulares, ou ►

Estima-se que entre 270 mil e 360 mil alunos dos níveis infantil e fundamental estudem em escolas privadas bilíngues

5% do total. E ainda assim o mercado teria à sua frente um espaço estratosférico de 92% das escolas particulares para explorar.

Outras comparações importantes surgem ao se trocar o número de colégios privados pelo de alunos particulares. Ainda segundo o censo, cerca de nove milhões — ou 18,4% dos 48,6 milhões de estudantes do infantil e fundamental — estão matriculados em escolas pagas. A Abebi estima que entre 3% e 4% desse total, algo entre 270 mil e 360 mil estudantes, estudem hoje em unidades bilíngues. Entre os colégios privados argentinos, chilenos e uruguaios, essa parcela chega a 10%. Para chegar a ela, o mercado brasileiro precisaria incorporar mais 540 mil alunos, quase o dobro do contingente atual. Nessa conta não foi incluída a parcela de estudantes privados entre os 7,9 milhões de alunos do ensino médio brasileiro. Como no

exemplo anterior, o território a desbravar no mercado continuaria a ter dimensões de latifúndio.

As parcerias para a transformação de escolas convencionais em bilíngues encontram pista livre num cenário formado pela mistura de efeitos da globalização com peculiaridades do país. O primeiro grande ponto é a carência. Uma pesquisa do Conselho Britânico revela dados desanimadores sobre a relação dos brasileiros com o idioma de Shakespeare, Wilde, Dickens e Tolkien. Apesar do trabalho elogiável dos cursos de inglês nos últimos 60 anos, apenas 1% dos brasileiros é verdadeiramente fluente em inglês. Outros 4% se relacionam com a língua em vários estágios inferiores ao da fluência plena.

TEMPO E SEGURANÇA

Feitas as contas, nota-se que apenas 10,5 milhões de habitantes possuem algum nível de intimidade com o idioma — os outros 200 milhões passam ao largo. Em resumo, o Brasil é praticamente surdo e mudo na voz e na fala que o mundo ainda mais exige. Historicamente, inglês de qualidade no ensino formal brasileiro sempre foi privilégio de poucos. As escolas particulares quase sempre se limitam a cumprir as exigências do MEC, nunca rígidas o suficiente para gerar o aprendizado efetivo do idioma.

Às públicas, cronicamente mergulhadas em um mar de dificuldades, resta, com raríssimas exceções, cumprir tabela. Ocorre que, nos últimos anos, o Brasil, a exemplo da maioria dos países do mundo, começou a destravar cadeados e destrancar portões. Barreiras e fronteiras despencaram, viagens e intercâmbios ficaram comuns, a comunicação entre povos tornou-se mais popular e barata e a internet chegou com 70% de seu conteúdo em inglês. Nesse novo contexto, a língua inglesa no Brasil, de vantagem competitiva para os poucos que a dominam, passou num pulo a ser desvantagem primária para os muitos que não a controlam.

Além da necessidade evidente de acelerar e ampliar o aprendizado do segundo idioma, dois outros fatores preciosos passaram a jogar a favor das escolas bilíngues: tempo e segurança. Um aluno que aprende inglês na escola não precisa se deslocar, ou ser levado, na ida e volta para o curso *out of school*. Ganho de tempo. Sem esses deslocamentos, alunos e condutores estarão também menos expostos à violência. Mais segurança. Isso vale, sobretudo, nos grandes e médios centros, onde o estudante não raro cumpre longos trajetos sozinho, enquanto os pais trabalham.

Esses fatores contribuíram para que essas parcerias construíssem, em poucos anos, um mercado de R\$ 220 milhões a R\$ 270 milhões anuais no país, estima a Abebi. As cifras ainda não são impressionantes, mas os poucos anos

HOJE, A MAIORIA DAS BILÍNGUES ACRESCENTA, EM MÉDIA, DE R\$ 100 A R\$ 200 NAS MENSALIDADES, A DEPENDER DA SÉRIE E DO ESTÁGIO DE APLICAÇÃO DOS PROGRAMAS



Alexandre Garcia, presidente do Cel.Lep — 51 anos de história e mais de 15 mil alunos em suas 78 unidades e escolas

de existência do setor e o imenso espaço a ser explorado criam um cenário para se apostar numa consistente evolução de mercado.

O surgimento das primeiras parcerias despertou em muitos pais a vontade de matricular seus filhos em escolas bilíngues. Mas uma reclamação comum era de que o custo aumentava acima da capacidade de pagamento. A situação melhorou nos últimos três anos. E tende a ficar cada vez melhor com o crescimento da base implantada. Hoje, a maioria das bilíngues acrescenta, em média, entre R\$ 100 e R\$ 200 mensais, a depender da série e do estágio de aplicação dos programas. São valores razoáveis, sobretudo se comparados aos cobrados pelos cursos de idioma, quase sempre mais altos. Normalmente, o valor é incluído pela escola na mensalidade e depois repassado à empresa contratada.

Não é raro ocorrer confusão nas definições de escola internacional, bilíngue e com programa bilíngue. Nas internacionais, o aluno tem todo o conteúdo ensinado na língua de outro país e o português é, a rigor, o segundo idioma. O programa oficial das internacionais não é o do MEC, como ocorre nas brasileiras regulares, e sim o da nação de origem da unidade. É como se um aluno de uma escola americana do Rio de Janeiro estudasse num colégio de Nova York e outro, de uma francesa de São Paulo, fosse estudante de uma unidade parisiense. São escolas de outros países, submetidas às regras e leis educacionais da origem, mas em funcionamento no solo brasileiro. São pelo menos 30% mais caras do que as bilíngues.

ESCOLAS E PROGRAMAS

No caso de uma escola bilíngue reconhecida, ela recebe o registro se solicitá-lo ao MEC e for aprovada após o cumprimento de exigências, entre elas a de oferecer entre 40% e 50% do conteúdo brasileiro na língua estrangeira. A terceira parte é formada pelas escolas formais que acrescentaram na grade um período para o estudo, em inglês ou no idioma adotado, de arte, entretenimento, informática, cultura, ciências, matemática, história, geografia e outros temas, sem alterar o conteúdo obrigatório que a escola deve fornecer de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as outras leis que regem a educação no país. Este último grupo inclui a maio- ▶

ria das escolas bilíngues hoje parceiras das empresas. “Não acho interessante buscar uma escola bilíngue com metade do conteúdo do MEC em inglês ou outro idioma”, opina o pedagogo e empresário Ulisses Cardinot, diretor da International School, um dos braços fortes do setor. “A maioria das escolas precisaria, por exemplo, demitir professores excelentes de várias matérias que não dominam o segundo idioma a ponto de transmitir conteúdo nele. Seria desastroso. Na realidade brasileira, as escolas com modelo formal combinado a programas bilíngues serão, por muito tempo, a solução ideal para a expansão e a democratização do ensino de idiomas”, completa.

A Abebi e a Organização das Escolas Bilíngues de São Paulo (OEBI) adotam como padrão três quartos do tempo da grade escolar (75%) para o idioma estrangeiro no

NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS, O MERCADO DE ESCOLAS PARTICULARES CRESCER 2% AO ANO NO BRASIL. JÁ AS ESCOLAS BILÍNGUES AVANÇARAM ENTRE DE 6% E 10%, MESMO COM A CRISE

infantil, um terço (33,3%) no fundamental e um quarto (25%) no médio. Escolas bilíngues dos dois últimos casos são, na média, 25% a 30% mais caras do que as particulares não bilíngues. Há ainda colégios com cursos de língua de outras bandeiras em seu espaço, mas isso é um caso à parte. Na prática, são duas escolas dividindo o mesmo território sem que os alunos da primeira tenham obrigação de frequentar a segunda.

Criada em 2009 em São Paulo, a Simple Bilingual Education, hoje com 18 mil estudantes de 53 mil escolas parceiras atingidas, é um *player* importante do setor. O eixo central envolve alunos de dois anos até os do 9º ano fundamental. A escola parceira pode incluir um programa de imersão, exclusivo para o infantil, e o High School, para turmas do 9º ano ao final do ensino médio, com formação de alunos com dupla certificação, em parceria com a universidade americana de Nebraska. “A metodologia, com tecnologia e acompanhamento pedagógico, foi desenvolvida por profissionais brasileiros experientes e especialistas americanos. A formatação segue as diretrizes do MEC e está alinhada ao modelo pedagógico das melhores escolas do tipo no mundo”, explica o diretor Fernando Rodrigues.

TERRA DE GIGANTES

Nos últimos cinco anos, o mercado de escolas particulares formais cresceu 2% ao ano, em média, no Brasil. Enquanto isso, o das bilíngues se expandiu a índices entre 6% e 10%. Parte desse desempenho elogiável, em pleno túnel escuro da crise, deve-se a apostas amplas e ousadas como a do Conexia. O grupo faz parte do Sistema Educacional Brasileiro (SEB), ativo há cinco décadas no mercado de educação e hoje presente em mais de 300 escolas de 20 estados.

Uma prova do potencial desse mercado é o desembarque de gigantes mundiais como britânica Pearson Bilingual Program, considerada a maior empresa de educação do mundo, com 170 anos de existência, 35 mil profissionais e atuação em mais de 70 países, e a editora multinacional de origem espanhola Santillana. Em apenas seis anos de existência, a Pearson, que atende mais de um milhão de alunos no mundo, conquistou 150 escolas brasileiras. O pacote do programa, um dos mais adotados na Europa, oferece vinte itens de serviço, de concursos culturais a gestão escolar.



Fernando Rodrigues, diretor administrativo da Associação Brasileira do Ensino Bilíngue: um mercado de até R\$ 270 milhões anuais no país

Divulgação

Outro produto interessante do grupo é o Science-Technology-Engineering-Mathematics (STEM), com material produzido por autores consagrados nas quatro áreas. “Educação bilíngue de qualidade deve trazer uma carga alta de insumo para o aluno, o uso da segunda língua como ferramenta para se ensinar conteúdo interdisciplinar, professores fluentes, espaço físico adequado e comprometimento com a qualidade do ensino”, defende Marco Mendonça, da Pearson Brasil.

A espanhola Santillana também não perdeu tempo. Por meio da marca associada Richmond, lançou, em 2017, seu programa escolar bilíngue. Nele, utilizam a segunda língua como veículo de aprendizagem de outras áreas do conhecimento (artes, matemática e ciências, por exemplo). Incluem a experiência digital e levam em conta não apenas o desenvolvimento da língua, mas também habilidades como pensamento crítico, colaboração, flexibilidade, empatia, imaginação, criatividade e inovação. Outro eixo, o Educate, envolve crianças dos três aos cinco anos com diversão, materiais lúdicos, aulas de culinária, arte, jogos e alinhamento a conteúdos da educação infantil. “As escolas bilíngues respondem à aspiração de parte crescente da sociedade convencida de que o idioma adicional hoje faz parte da formação integral do indivíduo”, afirma a diretora de conteúdo do grupo, Sandra Possas. Escolas parceiras da Santillana têm um aumento médio de R\$ 100 na mensalidade.

O potencial seduziu também editoras nacionais historicamente envolvidas com o mercado de idiomas. Caso da FTD, que criou em 2015 seu núcleo de idiomas, com as marcas StandFor e Edelvives (espanhol), ambas implantadas e ainda gerenciadas pelo educador e executivo Cayube Galas. “Temos produtos e serviços para todas as situações e idades, com cargas horárias estendidas que podem ser divididas em até cinco dias da semana”, diz ele. “Oferecemos projetos interdisciplinares, consultoria para educadores e gestores e apoio em eventos da escola. A FTD é uma editora de grande capilaridade e de todos os públicos. Esse ativo, que nem todos possuem, nos ajuda a democratizar esse aprendizado ainda elitizado.”

Os programas da SEB/Conexia, outro pilar do mercado, são baseados em cinco pilares: assessoria pedagógica permanente, formação contínua de professores, interface com outros programas educacionais do grupo, material didático impresso e digital e assessoria de propaganda e marketing, com peças customizáveis para os parceiros. “Nossa abordagem pedagógica foi testada com muito cuidado e profundidade”, conta a diretora executiva do grupo, Thamila Zaher. “Nosso conhecimento do tema, acumulado em anos, tem feito a diferença e atraído parceiros importan-



Divulgação

O educador e executivo Cayube Galas, da FTD, aposta em projetos interdisciplinares, consultoria e apoio em eventos da escola

tes, como Pueri Domus e o AZ”, completa.

Os parceiros parecem satisfeitos. “Existe grande diferença entre aprender inglês e aprender em inglês”, constata Lady Christina Sabadell, diretora geral das escolas bilíngues Pueri Domus. “No nosso caso, o aluno recebe a comunicação em situações reais, espontâneas, observando o uso que o modelo, o professor, faz da língua. O aluno aprende o segundo idioma de modo intercalado, aproveitando o contexto do idioma pátrio”, explica a educadora. ▶

O grande potencial de expansão da educação bilíngue tem atraído tanto marcas tradicionais como novos players

*Até mesmo
educadores notaram
que seus filhos tinham
dificuldade de
aprender inglês na
escola. Isso os
levou a inovar*

Na concorrência cada vez dura, ter uma grife forte ao lado pode ajudar bastante. A BE – Bilingual Education, com escritórios em Belo Horizonte e São Paulo, tem como parceira a editora National Geographic Learning. Graças à aliança, afirmam ser capazes de oferecer, nas grades das escolas parceiras, “um conteúdo completo de ciências, linguagem, geografia e cultura mundial cem por cento em inglês e em consonância como o currículo internacional” a crianças a partir dos dois anos até o Fundamental II.

O programa da BE estreou nas escolas em 2017. O primeiro parceiro foi o grupo de colégios Santo Agostinho, de Belo Horizonte. A diretora pedagógica do grupo, Flávia Fulgêncio, não economiza argumentos ao destacar o que considera os adicionais de qualidade de seu produto. “O conteúdo da National encanta o mundo inteiro há anos. Além disso, talvez sejamos a única empresa do setor a oferecer disciplinas escolares específicas no programa. No infantil e no Fundamental I, ela envolve Ciências e

Linguagem. No Fundamental II, geografia, cultura mundial e linguagem.”

UMA ASCENSÃO RECENTE

A história ainda recente da International School ajuda a explicar melhor a rápida expansão do setor. O pedagogo fluminense Ulisses Cardinot é filho dos donos de uma tradicional escola de Campos dos Goytacazes, no norte do Estado do Rio. Estudou inglês em cursos na juventude, mas não conseguia se comunicar no idioma. Foi para fora aprimorar a segunda língua. Diante de sua experiência, os pais concluíram que a escola deveria oferecer um ensino de inglês mais consistente. Em 2009, após pesquisas e consultas no exterior, desenvolveram o próprio programa e implantaram o ensino bilíngue no colégio.

O projeto atraiu a curiosidade de gestores escolares da região e despertou na família a ideia de repassá-lo em parcerias. Três anos depois, tendo a própria unidade como “co-baia”, os Cardinot conquistaram os primeiros clientes da International. Em seis anos, tornaram-se um dos braços fortes do setor, com 55 mil alunos de 170 escolas em 22 estados, um trabalho premiado em 2017 com o Top Educação de sistema de ensino bilíngue. “Nossa meta educacional é democratizar o ensino de inglês”, diz Cardinot. “A mensalidade aumenta entre R\$ 120 e R\$ 160 em nossas parcerias. Não é muito. Detalhamos os programas para os gestores, damos na seleção dos professores bilíngues, formação continuada presencial e online e fazemos acompanhamento, marketing e campanha de matrícula para divulgar o projeto nas unidades”, enumera.

O educador Rone Costa não disfarça o orgulho diante da evolução do segmento. Um sentimento justificado: ele é diretor de desenvolvimento da Systemic Bilingual, empresa presente no mercado de educação há 33 anos, responsável, em 2002, pelo lançamento do primeiro programa bilíngue do país nos moldes atuais. “Identificamos numa pesquisa interna recente que, hoje, mais de 30 empresas de todos os portes fazem esse trabalho, de escolas de idiomas a sistemas de ensino e grandes editoras internacionais.”

O Systemic adota o *Content-Based Teaching of English as Foreign Language* (Ensino de Inglês como Língua Estrangeira Baseado em Conteúdo), método ligado ao contexto brasileiro baseado no Content and Language Integrated Learning (CLIL), algo como Aprendizagem Integrada de Conteúdo e Linguagem, metodologia mais utilizada pelas escolas europeias e adotada também por International, Pearson, Santillana, FTD e outros *players* do setor.

O grupo atinge atualmente 16 mil alunos de 80 escolas, metade delas no Sudeste. “Acabamos de investir R\$ 4 mi-

A EXPANSÃO DAS ESCOLAS BILÍNGUES, SE NÃO COLOCA EM XEQUE, AO MENOS FAZ BALANÇAR O MAR CALMO DAS ESCOLAS TRADICIONAIS DE INGLÊS

lhões em uma plataforma digital de última geração totalmente integrada ao nosso programa. Temos também escolas próprias, nossos laboratórios dentro de casa. Nelas, testamos e pilotamos tudo o que é levado aos parceiros. Isso nos dá a segurança de que os resultados vão aparecer”, detalha Costa. “Não vejo esse modelo como tendência ou modismo, mas como único possível neste momento para a expansão do inglês.”

Pode ser. O crescimento contínuo do número de alunos e de escolas bilíngues (apesar de ainda modesto se comparado ao universo das escolas privadas), a queda nos custos por aluno a patamares aceitáveis, que deverá prosseguir com o aumento da base de estudantes, e as vantagens logísticas e educacionais geram inevitavelmente uma questão: será que a expansão desse formato retira parte da clientela dos cursos de idioma *out of school* e submete esse modelo a algum tipo de prova de sobrevivência?

AINDA LEVARÁ UM BOM TEMPO

Alexandre Velilla Garcia, presidente do Cel.Lep, uma das mais respeitadas e eficientes redes de cursos de idiomas do país, com 51 anos de história e mais de 15 mil alunos em suas 78 unidades de rua e em escolas, garante que esse não é o caso do setor e, tampouco, do grupo comandado por ele. “O que nos tirou estudantes nos últimos anos foi a crise, não as bilíngues.” Em todo caso, eles decidiram colocar todo o merecido prestígio – e boa parte dos R\$ 20 milhões investidos nos últimos quatro anos – a serviço do lançamento do primeiro projeto de bilinguismo da empresa para as grades escolares de escolas parceiras, o *Cel.Lep Solução Bilingue*.

O programa irá do infantil ao F2, terá carga horária entre cinco a dez horas semanais e estrutura baseada na CLIL, em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Será voltado ao desenvolvimento das quatro habilidades essenciais ao inglês (fala, escrita, compreensão oral e leitura) e vai oferecer assessoria em gestão, consultoria pedagógica e recursos tecnológicos de apoio. Ao final do F2, os alunos, diz Garcia, terão condição de atingir o nível B2 na escala do CEFR, o quadro comum de referências para línguas adotado pelo Conselho Europeu, um estágio descrito como “intermediário superior”, capaz de deixar o aluno “confiante”. “Teremos as primeiras turmas em 2019. Estou certo de que iremos transferir a mesma qua-

lidade que consagrou nossos cursos para as escolas dos parceiros”, aposta um confiante Garcia.

Mas será que tanta renovação no ensino da segunda língua vai implicar o fim da linha para os cursos de idioma? Os especialistas não acreditam nessa possibilidade. “Ao contrário: os modelos são complementares. Há muitos adultos dispostos a aprender outra língua entre os 210 milhões de brasileiros. Depois, é nas escolas de língua que os professores buscarão proficiência e os pais, motivados pelo aprendizado de seus filhos, procurarão aprender o idioma cuja falta os privou de oportunidades”, analisa a pedagoga Selma Moura, consistente estudiosa do bilinguismo. “Não acabará, mas precisarão se reinventar e buscar novos espaços”, opina Costa, da Systemic. “O bilinguismo ainda levará um bom tempo para chegar à maioria das escolas privadas, principalmente no interior. Além disso, o Brasil tem 40 milhões de alunos em escolas públicas, e esse público não terá escola com educação bilíngue por muito tempo. Apenas parte deles dará para formar um imenso mercado. Por último, haverá sempre demanda para cursos entre adultos e profissionais”, analisa Rodrigues, da Simple e da Abebi. *Better this way: it will be good for all* (“Melhor assim: será bom para todos”).

Matéria originalmente publicada na revista **Educação**, edição 251

Por **Marcelo Daniel**

IMERSÃO NA LÍNGUA. E NA CULTURA

A EDUCAÇÃO BILÍNGUE PODE
APROFUNDAR A VISÃO DE
MUNDO DURANTE A FORMAÇÃO





Não sei falar bem o português. Mas na minha língua sou doutor.”, escreveu, em 1997, o professor Joaquim Maná Kaxinawá, primeiro índio brasileiro a tornar-se doutor em linguística pela Universidade de Brasília (UnB).

Ele foi também o pioneiro em escrever uma tese sobre sua língua nativa, o Kaxinawá.

O trecho, extraído do ensaio *Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil*, da pesquisadora Marilda Cavalcanti, tem como objetivo mostrar um dos cenários em que se encontra o país do ponto de vista sociolinguístico.

Apesar de o ensino bilíngue ser relacionado, frequentemente, às chamadas “línguas de prestígio”, como é o caso das escolas e dos sistemas de ensino em português e em inglês, narrativas parecidas com a que dá início à reportagem mostram um contexto local de diversidade linguística.

“Ao longo da nossa história, construímos o mito de que o Brasil é monolíngue, o que não é verdadeiro”, pontua a professora do curso de pós-graduação em Educação Bilíngue do Instituto Singularidades, Camila Dias.

Além de toda a pluralidade vinculada às comunidades indígenas, a docente também cita as comunidades de fronteira, regiões em que mais de uma língua integra o cotidiano de seus moradores. “Temos, ainda, a língua brasileira de sinais (Libras) e os grupos de imigração com a presença de idiomas diversos”, complementa.

A contextualização mostra, segundo Camila, as várias possibilidades para o ensino bilíngue – mas que, nos modelos mais comuns disponíveis no mercado estão propostas que levam em consideração as concepções de linguagem e educação no sentido mais amplo que cada escola oferece.

CRESCIMENTO NOTÓRIO

“Notório e muito diverso”. É dessa forma que a professora do Instituto Singularidades classifica o crescimento das ofertas de educação bilíngue. Em suas abordagens em sala de aula – Camila também integra o quadro docente

do Colégio Santa Cruz, em São Paulo, capital –, passou a trabalhar a diferenciação entre os conceitos de educação bilíngue e de sujeito bilíngue.

Enquanto a definição de educação bilíngue existe no contexto em que duas ou mais línguas são o meio de instrução e construção do conhecimento, o papel do sujeito bilíngue muda o foco, sendo ele aquele que acumula recursos de diferentes línguas que compõem o seu repertório.

“Não é somente aquele que atinge os mesmos níveis de proficiência em duas ou mais línguas, mas sim quem consegue movimentar seus recursos linguísticos para ter mobilidade no mundo a depender dos contextos de que participa e pode vir a participar”, explica.

PREPARANDO PARA O FUTURO

O que motiva os pais a buscar, praticamente desde os primeiros contatos do aluno com a escola, os modelos de educação bilíngue? “Atualmente, vemos que uma língua adicional, ►

principalmente o inglês, é vista como um bem de prestígio – muitos fazem a matrícula por acreditar que seus filhos ganharão em fluência no idioma”, diz.

Camila, entretanto, ressalta que não é apenas essa a função de uma instrução dessa natureza. “A educação bilíngue vai além de uma boa formação linguística, pode envolver o desenvolvimento de um olhar intercultural, desde que feito de forma intencional”, pontua.

Essa visão ampliada do potencial das iniciativas bilíngues nas escolas, para a gerente editorial de idiomas da área de Conteúdo e Negócios da FTD Educação, Carol Lopes, é uma mudança de perspectiva fundamental para superar os desafios da concretização dessas abordagens no mercado. Obstáculos que, como ela enumera, passam por vários segmentos, desde a ampliação de carga horária de aulas de idiomas dentro da grade escolar até o apoio ao professor durante a transição (para o modelo de carga horária estendida).

“O inglês deixa de ser o fim e passa a ser o meio usado para ampliar o conhecimento em diversas áreas”

LEGISLAÇÃO BILÍNGUE?

Do ponto de vista da legislação, o Brasil atualmente não possui uma medida de normatização ou fiscalização para a educação bilíngue em âmbito nacional.

No entanto, quando se fala do cenário sociolinguístico do país, há casos específicos, como municípios que passaram por processos de cooficialização de línguas. “Significa que, nessas localidades, além do português, os serviços públicos devem ser oferecidos, também, na outra língua cooficial”, pontua a professora da pós-graduação do Instituto Singularidades, Camila Dias.

Entre esses exemplos citados pela docente, estão cidades que possuem proximidade com comunidades indígenas ou em contexto de imigração. É o caso do município de Pancas, no Espírito Santo, que tem como línguas oficiais tanto o português quanto o pomerano, língua originária de uma região entre a Alemanha e a Polônia.

“O inglês deixa de ser o fim e passa a ser o meio. Os alunos passam a utilizá-lo para ampliar seu conhecimento de mundo em diversas áreas de estudo, estudar literatura, aprender a conhecer-se, resolver problemas, colaborar”, relata.

A EVOLUÇÃO EM SALA DE AULA

Com a proposta de facilitar a implementação de um modelo bilíngue na prática, o StandFor Evolution é um programa que tem por objetivo aumentar a exposição do aluno à língua adicional, por meio da ampliação da carga horária.

“A ideia é facilitar o planejamento pedagógico combinando diversos tipos de aulas que oferecem grande variedade temática para professores e alunos”, destaca a gerente editorial, que ainda ressalta que a iniciativa vai permitir que diferentes conteúdos e disciplinas sejam objeto de interações, realizadas em língua inglesa.

No conteúdo estão as aulas regulares de língua, de CLIL, jogos comunicativos, projetos, *extensive reading*, entre outras modalidades. “Isso torna o aprendizado mais engajado e significativo”, afirma.

O fato de reunir material acessível e planejamento detalhado pode ajudar o professor a se adaptar mais facilmente a essa nova perspectiva educacional. As aulas são bastan-

ENSINO BILÍNGUE E AS COMPETÊNCIAS

Se forem consideradas as dez competências gerais previstas no texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a gerente editorial de idiomas da área de Conteúdo e Negócios da **FTD Educação**, Carol Lopes, ressalta que o ideal é que todas elas estejam integradas dentro das aulas de inglês.

“Começo pelo mais óbvio, que é a comunicação; no nosso programa, previmos que o aluno poderá desenvolver não apenas a linguagem verbal em uma língua adicional, mas também que aprenda aspectos verbo-visuais, multimodais, artísticos, científicos e digitais”, enumera.

Novamente, ressalta que o aprendizado de um novo idioma não se resume apenas à língua em si, mas deve também estender-se ao conhecimento e à ampliação do repertório do aluno sobre outras culturas ao redor do mundo.

“Também é preciso ter atenção às competências de conhecimento e pensamento crítico, científico e criativo”, reforça. Além disso, deve-se trabalhar as habilidades socioemocionais, como o autoconhecimento e o autocuidado, a autogestão, a empatia, a cooperação, a autonomia e a responsabilidade.

te variadas, colocando os alunos em diferentes situações de uso da língua.

Com soluções que vão da educação infantil ao ensino médio, atualmente o StandFor Evolution oferece duas opções para que a escola inicie a carga estendida de idiomas: “o de três aulas por semana é destinado para escolas que ainda não podem fazer grandes alterações na estrutura atual, mas querem oferecer o diferencial com um ensino forte de inglês”, detalha Carol.

A outra opção é o programa de cinco aulas por semana. “Nele, podemos oferecer toda a diversidade de conteúdo programático e materiais que vão formar um cidadão capaz de se comunicar globalmente com desenvoltura e segurança”, conta.

NO PROCESSO DE TRANSIÇÃO PARA UM MODELO BILÍNGUE, É NECESSÁRIA A PARTICIPAÇÃO DE TODO O CORPO DOCENTE DA ESCOLA



APOIO AO DOCENTE

Durante a transição para um modelo bilíngue, além de um bem-estruturado programa de ensino, é fundamental a participação do corpo docente durante toda a jornada.

Na proposta oferecida pelo material do selo StandFor, os professores e a escola contam com suporte de uma equipe especializada no decorrer de todo o processo.

“Nesse apoio estão previstos cursos de implantação da metodologia, assistência para certificação internacional, acompanhamento e observação de aulas”, garante a gerente editorial da **FTD Educação**.

Para o estudante, o programa oferece livros impressos, portal digital e livro digital interativo. Os materiais fazem parte do pacote para auxiliar o aluno a se tornar protagonista de seu aprendizado e aperfeiçoar habilidades e competências do século 21. 🌐

FALTA DE REGULAMENTAÇÃO CONFUNDE **ESCOLAS BRASILEIRAS**

NEM TODA ESCOLA QUE DIZ OFERECER
EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE FATO OFERECE E,
MUITAS VEZES, POR FALTA DE INFORMAÇÃO



Shutterstock

No Brasil, a educação bilíngue não é regulamentada e, mesmo assim, essa prática de ensino se expande cada vez mais pelo país — nos últimos cinco anos, o mercado bilíngue cresceu cerca de 10%, segundo a Associação Brasileira do Ensino Bilíngue (ABEBI), e este ano a previsão é de mais avanço. Entretanto, por conta dessa falta de definição, os pais e as próprias escolas acabam criando confusão em relação à educação bilíngue.

Muitas escolas dizem oferecer em sua proposta pedagógica uma educação bilíngue, só que na prática o que elas fazem é, por exemplo, uma extensão de aula de inglês ou outra língua estrangeira.

Educação bilíngue difere de cursos de idioma e escolas internacionais, uma vez que o foco é o a língua estrangeira como meio de comunicação para desenvolver nos alunos saberes, como português e matemática. As escolas bilíngues seguem ainda os padrões do MEC, ao contrário das internacionais que utilizam o modelo de ensino estrangeiro.

Para o MEC, são consideradas bilíngues escolas para surdos e indígenas. Já a Organização das Escolas Bilíngues de São Paulo (OEBI) considera bilíngue, em seu estatuto, escolas cuja carga horária na educação infantil seja de no mínimo 75% em língua estrangeira e 25% no ensino médio.

“Com a regulamentação, espera-se que as escolas bilíngues atendam a um critério preestabelecido que garanta a qualidade do ensino”, aponta Ana Paula Mustafá, presidente da OEBI e diretora da Builders Educação Bilíngue. A presidente reforça que a falta de regulamentação dá margem para qualquer escola se intitular bilíngue sem ter os requisitos básicos para isso.

criação da lei

Vanessa Tenório, sócia e desenvolvedora do primeiro programa de educação bilíngue do país, o Systemic Bilingual, avalia que a criação de uma lei que regule o ensino bilíngue merece cuidado, atenção e não pode ser construída em torno de pouco debate. “Se as pessoas que fizerem a lei [ainda sem sinal de que acontecerá] não possuírem conhecimento do assunto, correrá o risco de importar um modelo de fora”. Para Tenório, a regulamentação no Brasil deve estar atrelada com a realidade e, consequentemente, necessidade da educação brasileira.

“Meu medo é que definam que a escola para ser considerada bilíngue, por exemplo, deve ter duas matérias integralmente dadas na língua estrangeira. Ou então, oferecer até 10 horas de inglês, intensificando o idioma e sendo mais do mesmo”, desabafa.

Formação continuada

Nesses tipos de escolas, o professor precisa de apoio, ainda mais devido aos cursos de Pedagogia não darem atenção à educação bilíngue. Por isso, é importante uma formação con-

tinuada ou mesmo pequenos cursos, cuja escola deve incentivar e estar atenta às necessidades do docente.

A Systemic Bilingual investiu cerca de R\$ 4 milhões em uma plataforma para formação de professores que acompanha o desenvolvimento deles. Segundo Tenório, ao propor um programa bilíngue, bilíngue, é preciso já pensar em atividades para o professor.

BILINGUISMO X EDUCAÇÃO BILÍNGUE

Outro equívoco que as escolas cometem, segundo André Coutinho Storto, professor de inglês e autor da dissertação de mestrado pela Unicamp “Discursos sobre bilinguismo e educação bilíngue: a perspectiva das escolas” [2015], é achar que bilinguismo e educação bilíngue são sinônimos, uma vez que há no mundo muitos cidadãos bilíngues devido, por exemplo, ao país de origem possuir duas línguas oficiais. “O bilinguismo não é uma prerrogativa da educação bilíngue. Não se pode considerar bilíngues somente os falantes que estudaram em escolas bilíngues, esquecendo-nos de que há milhões de falantes bilíngues no mundo que jamais participaram de um programa de educação bilíngue, critica Storto em entrevista ao jornal da Unicamp.

O professor pesquisou o site de 31 escolas bilíngues inglês/português na cidade de São Paulo com o intuito de analisar com essas instituições compreendem o conceito de educação bilíngue. 🌐

Na escola bilíngue, o foco é a língua estrangeira como meio para trabalhar saberes variados

Matéria originalmente publicada na revista **Educação**, edição 255



"O MELHOR MOMENTO É O POSSÍVEL

PEDAGOGA DISCUTE SE É PRODUCENTE E INDICADO
ENSINAR UMA SEGUNDA LÍNGUA A CRIANÇAS PEQUENAS



“DADOS INDICAM QUE MAIS DA METADE DA POPULAÇÃO MUNDIAL É BILÍNGUE, ENTÃO O BILINGUISMO É A REGRA, NÃO A EXCEÇÃO”

Criança precisa mesmo começar a estudar outra língua tão cedo?

O ser humano nasce com potencial para aprender qualquer língua e, dependendo do contexto em que se insere, pode tornar-se bilíngue desde muito cedo. Dados indicam que mais da metade da população mundial é bilíngue, então o bilinguismo, ao invés de ser a exceção, é a regra na maior parte do mundo.

Mas e as idades?

Não há consenso entre pesquisadores sobre a idade ideal para iniciar a aquisição de uma segunda língua, mas o fato comprovado cientificamente é que, seja em que momento for, o bilinguismo traz inúmeros benefícios cognitivos, sociais, culturais e econômicos. O medo de expor as crianças pequenas a uma segunda língua geralmente está associado à dificuldade que alguns adultos tiveram em seu próprio percurso de aprendizagem de línguas, não à capacidade da criança de lidar com a complexidade de contextos bilíngues.

Sabemos muito pouco sobre como o cérebro funciona, mas temos descoberto mais e mais a cada dia. A ►

Escolas bilíngues, internacionais e cursos de idiomas iniciam muito cedo os estudos do segundo idioma com as crianças — aos três anos ou até menos. Uma boa parte de neurocientistas, pedagogos, educadores e pesquisadores considera negativo esse começo precoce. **Educação** entrevistou a educadora Selma Moura sobre o tema. Ela é pedagoga, mestre em Linguagem e Educação e especialista em Linguagem das Artes pela Universidade de São Paulo (USP).

A educação bilíngue também desenvolve flexibilidade cognitiva, sensibilidade comunicativa, apreciação por outras culturas e o conhecimento acadêmico em todas as áreas

“Com crianças pequenas, a brincadeira é a forma de aprender e compreender o mundo”

capacidade do ser humano de se desenvolver em mais de uma língua já tem sido comprovada inúmeras vezes. A questão que realmente importa não é se a criança está preparada para essa exposição — mesmo porque sabe-se hoje que ela está —, mas sim como essa exposição será feita.

A sobrecarga, se houver, não será em função da exposição a mais de uma língua, mas sim em função de metodologias inadequadas de professores ou cobranças excessivas da família. A formação de professores é a chave para o sucesso da educação bilíngue, e a comunicação aberta com a família é essencial nesse processo.

A questão, então, não seria quando, mas como ensinar?

Exatamente. O tempo é circunstancial. O mais importante é que as oportunidades de aprendizagem sejam construídas de acordo com o perfil do aprendiz, seja qual for sua idade, respeitando suas necessidades e interesses.

Com crianças pequenas, a brincadeira é a forma de apreender e compreender

Divulgação

o mundo. Com crianças maiores, a investigação, o jogo e a interação com seus pares são essenciais. Com adolescentes, seus interesses e sonhos são bons pontos de partida. E com adultos, suas necessidades e planos pessoais e profissionais são bons motivadores. O ideal é que os educadores estejam preparados para conhecer essas realidades e atuar sobre cada uma delas de forma planejada e bem embasada teoricamente.

Como deve ser o ensino de uma ou mais línguas para crianças até seis anos?

O ensino de línguas, bem como o de qualquer outra área de conhecimento, deve ser prazeroso, significativo e desafiador, respeitando a individualidade de cada criança. Não deve haver o peso da obrigação, pois isso é o que poderia gerar bloqueios no aprendizado.

A discussão tem como pano de fundo a agenda exageradamente carregada imposta a muitas crianças atualmente.

Muitas crianças hoje têm a agenda de um executivo. O ativismo exagerado, em que as crianças são obrigadas a ter cada minuto do seu dia preenchido com alguma atividade, é muito prejudicial ao desenvolvimento e à aprendizagem. Há pais que veem seus filhos como um investimento para o futuro e por isso, quanto mais “depositarem” conteúdos em suas cabeças, mais creem que poderão “sacar” os rendimentos deste investimento no futuro, como já dizia Freire na década de 80. As crianças – e também os adultos – precisam de tempo livre para descobrir o que fazer consigo mesmas, para refletir, para lembrar, para sonhar. E esse tempo livre tem se tornado cada vez mais escasso para todos nós.

Existem mesmo as tais “janelas de oportunidade” para aprender línguas? Em quais períodos elas vigoram?

Alguns pesquisadores, como Patricia Kuhl, têm encontrado evidências de que há momentos mais propícios para o desenvolvimento da linguagem, em função da neuroplasticidade presente nos primeiros anos de vida, e que se modifica e estabiliza ao longo do tempo. Suas pesquisas são muito interessantes, mas ainda estamos desbravando esse desconhecido território. Como educadora, parto do princípio de que o melhor momento para aprender uma segunda língua é o momento em que isso é possível. Todos podem beneficiar-se do aprendizado de uma segunda língua, seja qual for a língua, seja qual for a idade.

Quais as principais vantagens oferecidas pelas escolas bilíngues?

“PARTO DO PRINCÍPIO DE QUE O MELHOR MOMENTO PARA APRENDER UMA SEGUNDA LÍNGUA É O MOMENTO EM QUE ISSO É POSSÍVEL”

Quando feita com qualidade, a educação bilíngue, além de favorecer a proficiência em duas ou mais línguas, desenvolve a flexibilidade cognitiva, a sensibilidade comunicativa, a apreciação por outras culturas e o conhecimento acadêmico em todas as áreas. Dá aos alunos a oportunidade de se comunicar com um número muito maior de pessoas e, assim, ter sua voz e visão visibilizadas. Pode contribuir com a empregabilidade e com a colocação profissional ou acadêmica em outros países. O bilinguismo é, comprovadamente, uma das habilidades essenciais aos cidadãos do século 21.

E desvantagens?

Não há desvantagens intrínsecas à educação bilíngue, da mesma forma como não há desvantagens sobre o ensino de matemática, ou ciências. Mas pode haver em relação à forma como essa educação for feita, caso os professores não sejam bem formados, o currículo não seja bem desenvolvido e a avaliação não seja coerente e integrada, da mesma forma como pode ocorrer com uma educação monolíngue. O desafio, na verdade, é a qualidade do ensino. 🌐 (EM)



Matéria originalmente publicada na revista **Educação**, edição 251

*A PROFESSORA EMÉRITA MAGDA SOARES VÊ
"EQUÍVOCOS PREOCUPANTES" NA PROPOSTA
DO GOVERNO: "LETRAMENTO E MÉTODO
CONSTRUTIVISTA SÃO COISAS DISTINTAS"*

A FALSA QUESTÃO DO MÉTODO

POSIÇÕES IDEOLÓGICAS AFIRMADAS PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO REACENDEM DEBATE (INTERNACIONALMENTE SUPERADO) SOBRE ALFABETIZAÇÃO FÔNICA OU POR LETRAMENTO – QUANDO BASTARIA ACEITAR: AS DUAS TÉCNICAS SÃO ÚTEIS E COMPLEMENTARES

A disputa ficou conhecida no mundo como *reading war*. É a “guerra” conceitual, muitas vezes com desdobramentos políticos e ideológicos, entre os educadores partidários do método fônico e os defensores do letramento e das teorias identificadas com o construtivismo sobre a melhor forma de alfabetizar. A temperatura do debate voltou a subir no Brasil com a chegada do presidente Jair Bolsonaro ao poder. O ministro da Educação do novo presidente e o seu escolhido, e o seu escolhido para a secretaria de Alfabetização do MEC, Carlos Nadalim, possuem como meta retirar do ensino infantil os métodos e influências relacionados ao letramento e às ideias construtivistas e colocar, no lugar, as condutas relacionadas ao sistema fônico. **Educação** reuniu argumentos de especialistas e pesquisadores dos dois lados na tentativa de contribuir para o melhor desfecho neste momento de retomada de fôlego da questão.

Em um vídeo publicado no YouTube, Nadalim diz que as teorias construtivistas e o letramento nunca possuíram “uma orientação clara com base em evidências científicas, comprovadas e atualizadas, de como alfabetizar as crianças”. E acrescenta: “Há tanta preocupação em fomentar a socialização e em promover a visão crítica na criança que sobra pouco tempo e investimento para ensinar o básico e o fundamental”.

O novo secretário critica também as teses da professora emérita da UFMG Magda Soares, uma das mais respeita-

das intelectuais ligadas às pesquisas e práticas educacionais do país, ao afirmar que o letramento, método defendido por ela, é o “vilão da alfabetização”. Procurado por **Educação**, Nadalim avisou, por meio de sua assessoria, que “ele e sua equipe estão muito ocupados e sem agenda para falar sobre o assunto com a imprensa neste momento. Por isso, não dariam entrevista”.

A polêmica ganhou fôlego extra, em fevereiro, com uma carta assinada por líderes de mais de cem organizações ligadas à educação e endereçada ao MEC. Nela, eles pedem a abertura de diálogo para discutir e avaliar as propostas de formulação da política de alfabetização a ser adotada pelo novo governo. Alegam que a pedagogia da alfabetização não nega a “faceta fonológica”, mas está ►

*O secretário do MEC
Carlos Nadalim –
recusou-se a dar
entrevista para
defender seu ponto
de vista*

longe de tê-la como “único método”. Os organizadores calculam que irão reunir cerca de cinco mil assinaturas de apoio numa petição de adesão lançada junto com o documento. “Apostar no método fônico como caminho exclusivo é apresentar uma explicação, no mínimo, abreviada e preocupante. O letramento é o caminho cultural e social que se faz entre a aquisição do sistema alfabético e o seu uso, não sendo, portanto, um contraponto ao ato de alfabetizar”, afirma a presidente da Associação Brasileira de Alfabetização (ABAlf), Isabel Frade. “Essa questão, do jeito que está colocada pelo governo, não faz o mais remoto sentido: sabemos que nenhum deles resolve sozinho. Ser alfabetizado não é apenas entender o funcionamento do sistema alfabético, mas também ser capaz de fazer uso disso no cotidiano das mais variadas formas, lendo textos variados e estabelecendo relações a partir deles”, apoia Mônica Baptista, professora da Faculdade de Educação da UFMG e integrante da comissão articuladora do Fórum Mineiro de Educação Infantil.

Ao contrário do novo secretário, Magda Soares apresentou seu ponto de vista em detalhes à revista. “Esse rapaz, o Nadalim, tem agredido meu trabalho e minha trajetória, algumas vezes de forma deselegante. No início me mantive calada, mas com o tempo considerei justo me posicionar. Esse novo pessoal do MEC e alguns defen-

sores daquelas ideias estão equivocados. É ingênuo e simplório, para dizer o mínimo, imaginar que resolver o problema da educação do Brasil é meramente impor um único método, sobretudo o fônico. É preciso que entendam o seguinte: o método fônico é componente fundamental, indispensável e essencial no processo de aprendizagem da língua escrita – mas, como disse, é apenas um componente deste processo. Está precedido e é seguido de outros pilares tão fundamentais, indispensáveis e essenciais, e inserido num contexto que envolve outros pontos importantes”, destaca.

EQUÍVOCO CONCEITUAL

Magda cita alguns “equívocos preocupantes” existentes nas propostas do governo. “Consideram letramento e método construtivista – que não é método, e sim uma teoria psicológica – uma só coisa, quando sabemos se tratar de processos distintos”, explica. “Construtivismo, ou teoria da psicogênese da escrita, é um conhecimento pesquisado e mapeado pela psicóloga e pedagoga argentina Emília Ferreiro sob a orientação de Jean Piaget. A criança nasce e aprende a falar sozinha o idioma. Ninguém precisa dar aula disso para ela, mas a língua escrita é um objeto cultural. O aluno precisa construir os conceitos da língua escrita. Por equívoco, alguns chamam isso de construtivismo. E pior: sugerem a existência de método construtivista, algo que a própria Emília sempre recusou.”

A pesquisadora argentina, diz a professora mineira, mostrou que a criança consome um bom tempo na evolução do ponto em que escrever é desenhar até a compreensão da escrita como representação do som das palavras, e não daquilo a que elas se referem. “Se você pedir a um menino ou menina de três anos para escrever casa, por exemplo, ela vai desenhar e achar que escreveu. A humanidade, a propósito, também começou assim: desenhando uma representação do que se falava. É uma caminhada imensa da concepção inicial abstrata até a compreensão do papel de representação sonora. E, num estágio seguinte, da percepção de que as palavras, as cadeias sonoras, podem ser segmentadas em sílabas.”

Apenas nesse estágio, destaca a professora mineira, a criança começa a perceber que a sílaba é composta por fonemas, ou elementos mínimos da língua oral, abstratos e não pronunciáveis. “O ser humano percebe os fonemas quando começa a escrever – e só então entra o método fônico, importante e fundamental, como eu disse.” É neste ponto que ela identifica o perigo principal do que qualifica de ingenuidade. “Então, na suprema maioria dos casos, sobretudo no Brasil, não se pode começar a ensinar a língua escrita a partir desse ponto final, apenas com o método fônico, desprezando todo o processo anterior de desenvolvimento cognitivo e linguístico da criança ou de qualquer pessoa em processo de alfabetização.”

*“O letramento é o
caminho cultural e
social que se faz entre
a aquisição do sistema
alfabético e o seu uso”,
afirma Isabel Frade*



A professora emérita conclui seus argumentos com um exemplo curioso. “Se você fala boneca para uma criança, ela vai buscar a boneca. Ela não pensa em algo do tipo ‘com que som essa pessoa está se referindo ao objeto’. Busca a boneca e pronto. Para escrever, ela precisa desenvolver a consciência silábica para depois rumar para consciência fônica, porque até então ela faz relações apenas com o som. E, pelo som, boneca é boneca, mas poderia ser mesa, cadeira ou qualquer outra palavra”, descreve. “Por isso considero o fônico não um método completo, e sim um componente do processo total de desenvolvimento cognitivo e linguístico. Então, transformar o método fônico, que logicamente tem respaldo científico, em toda a alfabetização, é desprezar as evidências científicas de todo o restante do processo”, afirma.

“O método fônico, sozinho, traz uma série de restrições”, corrobora Telma Leal Ferraz, doutora em Psicologia, escritora, professora do curso de Pedagogia e na pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), integrante do Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL) e experiente orientadora de cursos de formação para professores de redes públicas de ensino.

PARA MÔNICA BAPTISTA, SER ALFABETIZADO NÃO É APENAS ENTENDER O FUNCIONAMENTO DO SISTEMA ALFABÉTICO, MAS SER CAPAZ DE FAZER USO DISSO NO COTIDIANO

“Isolado, ele afasta a criança de uma série de vivências presentes em seu cotidiano, porque é um método altamente sequencial, que introduz a criança aos poucos na prática social. Integrar a criança a essas práticas é fundamental, mas o método fônico não é capaz de fazer essa ligação sem os outros elementos do processo de evolução educacional.” 🌐

Matéria originalmente publicada na revista **Educação**, edição 256

Por **Telma Pantano**

O CÉREBRO DA CRIANÇA

A PRIMEIRA INFÂNCIA É UM PERÍODO CRÍTICO PARA TRABALHAR HABILIDADES QUE SERÃO ESSENCIAIS AO DESEMPENHO ESCOLAR E À VIDA EM SOCIEDADE. ENTRE ELAS, O AUTOCONTROLE, A ATENÇÃO E A CAPACIDADE DE RESOLVER PROBLEMAS

Ao contrário do que se acreditava até algum tempo atrás, o cérebro do bebê não é uma “tábula rasa” pronta a ser definida e moldada pelo ambiente nem permaneceu “inativo” até o momento do nascimento. Esses conceitos errôneos por muito tempo sustentaram ideias como a de que o recém-nascido precisava se manter em locais com pouca iluminação e estimulações auditivas, visuais, olfativas ou mesmo táteis para ir se “adaptando ao ambiente”.

Hoje se sabe que as crianças já nascem prontas para aprender. O cérebro dos bebês recebe uma gama imensa de estimulações ainda intraútero e, a partir dessas informações, eles já desenvolvem conceitos físicos e biológicos, chegando a estabelecer relações de causa e efeito, quantidade (comprovadamente até quatro elementos) e conceitos relacionados à língua nativa. Para os bebês, a manutenção dos estímulos já apresentados intraútero, como luz e sons, deve ser mantida para o reforço e a intensificação dos registros de memórias sensoriais que já começaram a construir antes de nascer.

O cérebro dos bebês é ávido por receber estímulos ambientais e processá-los, desde que sejam respeitadas questões de ordem de apresentação, quantidade, velocidade e, principalmente, ritmo. Sabe-se, por exemplo, que os bebês têm preferência (melhor qualidade de respostas) a sons da fala humana do que a ruídos do ambiente; apresentam, desde os primeiros dias de vida, noções intuitivas de quantidade, memorizam sons, reconhecem e diferenciam acusticamente traços mínimos do idioma e demonstram preferências sensoriais por formas arredondadas e objetos simétricos e em movimento.



Shutterstock

O cérebro do bebê desenvolve-se, assim, em resposta aos componentes genéticos (que sustentam as bases biológicas para o desenvolvimento) e ambientais. Dessa forma, durante toda a gestação e após o nascimento, o cérebro do bebê recebe e processa estímulos ambientais, ainda que reduzidos ou distorcidos. Essas informações são processadas e reforçam as sinapses que já foram estabelecidas a partir do período gestacional, uma vez que o cérebro do recém-nascido conta com uma superprodução de sinapses que serão seletivamente perdidas ao longo dos três primeiros anos, no processo chamado poda neuronal (descarte de neurônios). A experiência e a estimulação reforçam as sinapses já estabelecidas, ou seja, a aprendizagem modifica a estrutura física do cérebro, favorecendo assim a estabilização e a formação de novas sinapses.

Logo, temos nos primeiros anos de vida a necessidade de estimulações ambientais coerentes e conjuntas com a maturação cerebral, e os resultados dessas interações parecem exercer um papel fundamental ao longo da vida. Sabe-se que o cérebro se desenvolve mais rapidamente entre o nascimento e os primeiros anos de vida do que em qualquer

outro período do desenvolvimento humano.

TESTE DO MARSHMALLOW

Quais habilidades devemos estimular (e observar se estão sendo estimuladas) nos primeiros anos de uma criança? Com essa dúvida em mente, o psicólogo Walter Mischel, da Universidade de Columbia, desenvolveu uma série de pesquisas para descobrir se habilidades já presentes no começo da infância seriam indicativas de uma boa pontuação no SAT – teste americano de múltipla escolha semelhante ao

Sobre a autora

Telma Pantano é fonoaudióloga e psicopedagoga do Serviço de Psiquiatria da Infância e Adolescência do Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo (USP), pós-doutora em psiquiatria pela USP, autora do livro *Neurociência aplicada à aprendizagem* (Pulso Editorial, 2009).



O QUE É “FUNÇÃO EXECUTIVA”?

O termo “função executiva” refere-se a um conjunto de habilidades essenciais para a aprendizagem e a vida em sociedade. Elas localizam-se na área pré-frontal do cérebro e dependem da estimulação ambiental para se fortalecer. São requisitadas quando não podemos responder aos estímulos ambientais de forma automática e precisamos ter uma elaboração mais profunda das respostas a serem dadas ao ambiente. Um exemplo simples: ignorar conversas paralelas e os próprios pensamentos para poder concentrar-se em uma aula.

Dividem-se em funções de inibição (controle inibitório, incluindo o autocontrole e o controle de interferência-atenção), ação da memória operacional (memória que utilizamos para significar a linguagem e informações ambientais de forma rápida), flexibilidade cognitiva (capacidade de modificar um planejamento em função de respostas ambientais, também ligada à criatividade). A inter-relação dessas habilidades possibilita o raciocínio, a resolução de problemas e o planejamento, que são fundamentais para o sucesso na escola e na vida e para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional. Seu desenvolvimento inicia-se nos anos pré-escolares e seu impacto no desempenho acadêmico pode ser observado diretamente nos anos posteriores. (T. P.)

Enem, que avalia desempenho escolar e competências sociais, cognitivas e emocionais – na adolescência e na vida adulta.

Mischel levou adiante vários experimentos com crianças entre 3 e 8 anos. Um deles se tornou bastante conhecido, o “teste do marshmallow”, que consiste em deixar a criança sozinha em uma sala com poucos estí-

mulos, a não ser uma mesa, duas cadeiras e um prato com uma guloseima (no caso, um marshmallow). O pesquisador explicava à criança que ela poderia comer o doce imediatamente ou aguardar até que ele retornasse para a sala depois de uma breve ausência. Nesse caso, ele deixava claro, ela ganharia dois doces em vez de um por ter esperado. Todas as crianças optaram por esperar. No entanto, nem todas conseguiram cumprir o acordo e comiam o doce antes da volta do pesquisador – o que levava, no máximo, 15 minutos. De acordo com o estudo, aquelas que conseguiram esperar obtiveram escores mais altos no SAT, aplicado dez anos depois.

Esses estudos foram replicados em diversas partes do mundo, com resultados bastante similares. Mas o que foi avaliado? Essas pesquisas buscam mensurar aspectos da chamada função executiva (*veja quadro à esquerda*). Entre eles, por exemplo, a capacidade de controlar impulsos tendo em vista um objetivo final (planejamento) – no caso do teste, resistir à tentação de comer um doce para poder ganhar dois dali a alguns minutos.

O controle de impulsos é necessário para a relação com o ambiente e para interagir com outras pessoas. Crianças que conseguem postergar o ganho de recompensas – como esperar a sua vez para brincar no escorregador, aguardar para falar, esperar numa fila para ser atendida – tendem a se sair melhor em testes que envolvem raciocínio lógico e elaboração de textos, sendo capazes de formular melhor as estruturas linguísticas para a exposição dos pensamentos. Além disso, na adolescência, costumam resistir mais a assédios ambientais, como o uso de álcool e drogas, e também apresentam mais responsabilidade social. A escola e os pais são fundamentais, não apenas para transmitir modelos de autocontrole, mas para proporcionar às crianças situações em que ela possa exercitar essa habilidade.

OS BONS ESTÍMULOS

A função executiva está relacionada ao desempenho escolar, a aprendizagem requer organização de processos atencionais e de memórias para que possa se estruturar e se consolidar. A função executiva desenvolve esse papel organizador, atuando diretamente na cognição, na emoção e no comportamento e possibilitando os processos de aprendizagem consciente, com mediação da linguagem.

Como fornecer, então, estímulos adequados ao desenvolvimento e à maturação cortical, que ocorre de forma tão predominante nos primeiros anos de vida? A estimulação de bebês deve ser muito cuidadosa e considerar parâmetros como seu padrão de vigília-sono (bebês dormem cerca de 18 horas e, crianças pequenas, 15, em períodos intercalados) e a intensidade e frequência dos estímulos apresentados, uma vez que o bebê recebia informações (luz, sons e interação

ROTINA E LIMITES SÃO ESSENCIAIS. AMBIENTES CAÓTICOS, DESORDENADOS E ESTRESSANTES INTERFEREM DE FORMA ALTAMENTE NEGATIVA NA MATURAÇÃO CORTICAL



com os pais, por exemplo) em intensidade bem mais reduzida enquanto estava no útero. A manutenção do padrão de estímulos após o nascimento e respeito à fisiologia do sono comprovadamente trazem ao bebê satisfação e conforto.

Esses estímulos devem ir gradualmente aumentando e se aproximando das situações ambientais. O cérebro de pré-escolares estrutura-se fundamentalmente através da consistência ambiental e emocional. É essencial para o cérebro de uma criança que ela seja exposta a rotinas e limites. Estudos comprovam que ambientes caóticos, desordenados e estressantes são influências altamente negativas para o desenvolvimento e a maturação cortical. A rotina e a continência emocional e cognitiva fornecem as bases fundamentais para a seleção de sinapses e para a organização cerebral necessária ao longo de sua vida, facilitando inserção social, educacional e familiar.

Programas de estimulação devem se basear no nível de desenvolvimento atual da criança e oferecer oportunidades para a exploração lúdica e motora em situações individuais e em grupo, visando à aquisição de conceitos e à integração de aprendizagens através das explorações motora, sensorial, social e emocional.

Dessa forma, os anos pré-escolares estão situados em um período crítico para o desenvolvimento cerebral. É essencial o fornecimento de estímulos adequados para a aquisição de habilidades fundamentais, subjacentes às exigências dos ambientais sociais, educacionais e familiares. Um ambiente estimulante fornece a possibilidade de a criança estruturar relacionamentos positivos, tanto horizontal (com crianças da mesma idade) quanto verticalmente (com os mais velhos),

além de rotinas e consistências regulares que promovam a oportunidade de atividades repetitivas, capazes de possibilitar formação e aquisição de conceitos, aprendizagens através de estímulos sensoriais e motores e exposição a linguagens variadas e interação verbal e gestual.

Evidências indicam que programas educacionais efetivos e bem planejados nos primeiros anos de vida têm impacto positivo no desenvolvimento infantil, assim como no sucesso da vida educacional de crianças, além de se caracterizar como um retorno certo e efetivo de investimento econômico e social. Programas escolares que visam à pré-escola trazem altos retornos para a sociedade e a criança, como a continuidade do bom desempenho a longo prazo. 🌱

Reproduzido em vários países, o "teste do marshmallow", aplicado pela primeira vez por pesquisadores da Universidade Columbia, avalia a capacidade das crianças de esperar por uma gratificação – no caso, comer dois doces em vez de um, como prêmio por aguardarem o pesquisador voltar para a sala. A habilidade de autocontrole tem sido relacionada ao melhor desempenho futuro em testes cognitivo-emocionais

Matéria originalmente publicada na revista **Neuroeducação**, edição 7



ESPAÇO PARA A IMAGINAÇÃO

A PRIMEIRA INFÂNCIA É UM PERÍODO DE GRANDE PLASTICIDADE CEREBRAL E DE FORMAÇÃO DA CRIANÇA PEQUENA COMO SER DE CULTURA. ASSIM, É UMA FASE IDEAL PARA INVESTIR TEMPO EM ATIVIDADES QUE TENHAM A IMAGINAÇÃO E A FUNÇÃO SIMBÓLICA COMO EIXOS CURRICULARES

Os estudos mais recentes da neurociência sobre imaginação têm trazido informações importantes para a educação escolar, principalmente sobre o papel do professor em estimular a capacidade imaginativa nas crianças e mudanças curriculares que possam favorecê-la. A ciência mostra que a imaginação não é um aspecto a ser exercitado ocasionalmente, em tarefas específicas, como fazer um desenho ou escrever uma redação. Pelo contrário, imaginar é parte importante do processo de aprendizagem em qualquer área do conhecimento do currículo – é intrínseco à motivação e à regulação da atenção do aluno.

A educação infantil é um período de grande plasticidade cerebral e de formação da criança pequena como ser de cultura. Assim, é uma fase ideal para investir tempo em atividades que tenham a imaginação e a função simbólica como eixos curriculares. Imaginar é abrir possibilidades novas por meio de redes neuronais que se formam pelo pensamento e pela ação, em conjugação com a memória. Podemos usar a imaginação em tarefas corriqueiras do cotidiano, na docência e na aprendizagem na escola, no trabalho, assim como em momentos específicos de criação científica ou artística.

Sempre usamos a imaginação para inovar em algo em nossa ação e em nosso pensamento, ampliando o senso comum segundo o qual a imaginação é uma característica de pessoas altamente criativas, como artistas e cientistas, que se destacam pelas realizações obtidas em suas áreas de atuação. Basta um breve passeio pela arqueologia, pela antropologia e pela história da humanidade para perceber que a evolução humana foi possível graças à capacidade de imaginar e simbolizar, isto é, criar significados por meio de símbolos. A imaginação é componente essencial da simbolização como capacidade de fazer presente aquilo que está ausente e de projetar no futuro ações e seus resultados.

A imaginação funciona estreitamente ligada à memória. Isto é, imaginamos com os conteúdos que temos armazenados em nossa memória através da utilização de técnicas e procedimentos que estão, por sua vez, registrados nela. A base para o funcionamento da imaginação são os elementos contidos na memória, e o próprio funcionamento da imaginação a desenvolve. Através do processo imaginativo, vários elementos da memória são evocados e novas mediações semióticas são realizadas.

Memória e imaginação são continuamente utilizadas na vida cotidiana, principalmente para o planejamento de ações diárias, para a solução de problemas e para os processos de tomada de decisão. Toda aprendizagem envolve a criação de novas memórias ou a ampliação de memórias já existentes. A imaginação, podemos dizer, cria condições

para a aprendizagem, enquanto a memória a efetiva.

Uma descoberta da neurociência esclarece os processos internos pelos quais imaginação e memória se relacionam: as áreas do cérebro e os caminhos neuronais mobilizados quando se percebe um objeto são parcialmente os mesmos quando se imagina esse objeto. Em outras palavras, há uma proximidade importante no funcionamento cerebral entre percepção real e a imaginação. O mesmo fenômeno se observa em relação ao movimento: a região do córtex motor acionada quando se move um dedo é aproximadamente a mesma quando se reproduz mentalmente o movimento. Portanto, ao imaginar, o ser humano consolida as aprendizagens.

FAZ DE CONTA

Como as redes neuronais se formam em função das experiências de cada pessoa, podemos afirmar que os contextos, por sua vez constituídos pela cultura, impactam o desenvolvimento infantil nos primeiros anos de vida. Um acervo considerável de pesquisas sobre o cérebro infantil revela que na verdade atividades culturais da infância desenvolvem várias áreas do cérebro que serão recrutadas para as aprendizagens escolares posteriores a fim de formar novas estruturas, como no caso da escrita, e/ou servir de base ou apoio de outras áreas do currículo.

Sobre a autora

Elvira Souza Lima é pesquisadora em desenvolvimento humano e em neurociência e antropologia aplicadas à educação.

NA SALA DE AULA TRABALHANDO A IMAGINAÇÃO NA PRÁTICA

O conhecimento formal (científico, estético) e os sistemas simbólicos (escrita, linguagem matemática, linguagem musical, programação, entre outras) que o aluno precisa aprender na escola foram elaborados por pessoas que utilizaram a imaginação. A imaginação está contida, assim, na origem dos conhecimentos.

A aprendizagem desses conhecimentos pelos alunos será mais eficiente, portanto, se incluir o componente imaginativo. De fato, em qualquer nível educacional a mobilização da imaginação é fator de motivação para aprender e formar memórias de longa duração do conteúdo ensinado.

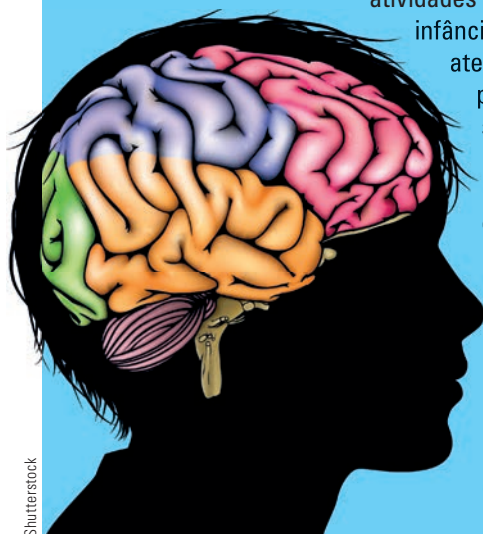
O professor que em seu planejamento de aula se preocupa em anotar a estratégia que utilizará para que seus alunos recorram à imaginação terá maiores possibilidades de conduzir uma aula mais eficiente.

A formação do conceito exige, muitas vezes, que o aluno “encene” na sua mente o que o professor está ensinando. Aprende-se melhor se há o envolvimento da curiosidade, interesse pelo conteúdo. Assim, lançar uma questão ao trabalhar eletricidade, por exemplo – Como será que a luz chega na lâmpada? –, provocará a imaginação do aluno e resultará em motivação.

“Como será que...?” é um exemplo de pergunta que aciona a imaginação e que, para elaborar uma resposta, mobiliza acervos de memória de longa duração e promove uma ligação nova entre elementos.

Tão importante quanto isso é o fato de que essas atividades próprias da infância educam a

atenção, contribuem para os processos de tomada de decisão e levam à autorregulação dos comportamentos, caracterizando uma interface entre a antropologia da educação e a neurociência.
(E. S. L.)



Shutterstock

São as vivências culturais que, desde a infância, promovem o desenvolvimento da imaginação no ser humano. As práticas culturais, como as celebrações e festejos (festas, rituais, representações, encenações musicadas ou não, entre outras), são essencialmente atividades simbólicas de grande importância na formação da pessoa e dos grupos sociais.

As práticas culturais da infância são particularmente importantes, pois têm a função de formar estruturas na memória da criança, bem como, por meio do exercício da função simbólica e da imaginação, acumular acervos de memória necessários para sua formação como ser de cultura, sua identidade e sua inserção no meio social.

Para formar acervos de memória, a criança pequena precisa ter a oportunidade de vivenciar, experimentar, explorar o meio e interagir com os outros. Brincar propicia isso. Além de proporcionar prazer e alegria, brincar tem um impacto importante no cérebro infantil, segundo a neurociência. Muitas brincadeiras são verdadeiros exercícios imaginativos. Entre as brincadeiras que motivam muito a criança pequena, está o faz de conta.

A brincadeira de faz de conta, chamada em várias línguas de jogo de imaginação, é uma das formas de atividade na infância mais eficazes na formação e manutenção de atenção. Imaginar atua diretamente na capacidade de focar e concentrar-se. Vejamos um exemplo: uma criança de 4 anos reluta em ficar um minuto parada em pé, quieta, porém, se a ela for dado um “papel”, a função de ser um soldado guardando o castelo, ela reproduzirá a postura do personagem e permanece pelo menos alguns minutos. Isso mostra como imaginar regula e forma comportamentos de atenção.

O exercício da imaginação modifica o tempo de permanência na atividade escolar, conforme demonstra um acervo considerável de estudos e pesquisas no campo da antropologia da educação.

Atenção se educa, ou seja, a formação de comportamentos regulados pela atenção é resultado, em grande parte, do desenvolvimento cultural do cérebro, que forma redes neuronais permanentes, integrando os componentes biológicos e culturais do desenvolvimento do cérebro.

Porém, é importante observar que oportunidades e atividades que mobilizam e desenvolvem a imaginação devem se estender durante o processo de maturação do cérebro por toda a infância e juventude. Um cérebro que segue seu processo biológico de maturação dado pela genética da espécie com múltiplas oportunidades, de diversas naturezas, de exercer a imaginação será um cérebro com muitos recursos para a vida adulta. Isso terá um impacto notável na qualidade de vida, na capacidade de reflexão e pensamento e impactará positivamente os processos de tomada de decisão.

“BERÇO PARA A CRIATIVIDADE”

Imaginar não é o mesmo que criar algo inédito, novo para a humanidade, como a cura de uma doença, uma obra de arte ou um aparato tecnológico como o exoesqueleto, que permite avançar na conquista de novas possibilidades de movimento de um tetraplégico. Porém, a imaginação é a capacidade humana que conduz à criatividade, ou seja, faz parte do processo criativo realizado pelo cérebro humano. Imaginar pode indicar o caminho.

Nancy Andreasen, neurocientista pioneira nos estudos de cérebro e criatividade nos Estados Unidos, tem se debruçado sobre a questão de como se organiza e funciona o cérebro criador. Em seu livro *Creating brain* (Dana Press, 2005), ela discorre detalhadamente sobre os processos criativos no cérebro, destacando a imaginação como recurso necessário para a criatividade.

Eric Kandel, ganhador do Prêmio Nobel em 2000 por suas descobertas sobre os mecanismos de funcionamento das memórias de curta e de longa duração, se dedicou, desde então, a elaborar interessante e complexa análise sobre cérebro e criatividade, tomando como foco Viena em 1900, período de grande ebulição criativa na medicina, filosofia, artes visuais e música. Em seu livro *The age of insight* (Random House, 2012), ele discorre longamente sobre a capacidade criativa do cérebro humano, não somente de quem produz, mas de quem usufrui os produtos criados. Para o autor, a imaginação é um fator desencadeador do processo criativo.

Ambos argumentam extensivamente sobre a importância do contexto cultural e histórico em que se inserem tanto artistas quanto cientistas que se destacam como mentes criativas. A ideia é que “ninguém produz algo novo a partir somente de si mesmo”. É necessário o que Andreasen chama de “berço para a criatividade”, isto é, certos períodos históricos que, por uma série convergente de fatores, se caracterizam por serem especialmente ricos para a criação humana.

São períodos em que as condições sociais e culturais se encontram em uma sintonia tal que permitem o surgimento do novo. Por exemplo, a Renascença, Paris na segunda metade do século 19 e Viena na passagem para o 20 – exatamente o período que Kandel pesquisou e sobre o qual escreveu em sua obra de grande densidade, integrando e articulando as interações e explicitando as interfaces

**HÁ CERTOS LUGARES E PERÍODOS HISTÓRICOS
EM QUE, POR UMA SÉRIE DE FATORES,
O AMBIENTE SE TORNA MAIS PROPÍCIO
PARA A CRIAÇÃO HUMANA**

*Imaginar não significa
criar algo inédito. Mas
a imaginação conduz à
criatividade e pode
indicar o caminho para
resolver problemas*

entre a biologia, medicina, cultura, artes e história.

Do ponto de vista antropológico do desenvolvimento e funcionamento simbólico na criança e no jovem, a escola precisa ser, guardadas as devidas proporções, um “berço para a criatividade” para alunos e professores. Ou seja, da neurociência emerge a importância de considerar a dimensão da escola como espaço de cultura.

Teríamos, então, uma visão integrada da neurociência com a antropologia e com as artes para auxiliar a definição do conceito de currículo, ou, ao menos, para o currículo abarcar as múltiplas dimensões do desenvolvimento humano.

Dessa perspectiva, imaginar passaria a ser uma atividade não só constitutiva do currículo como também um componente de formação da pessoa do educando. Em outras palavras, faria parte das atividades de estudo do aluno, bem como teria um papel importante na própria formação e no desenvolvimento profissional e pedagógico do educador. 

Matéria
originalmente
publicada na
revista
Neuroeducação,
edição 7

CÉREBROS COM MAIOR CONECTIVIDADE TÊM MAIS FACILIDADE PARA APRENDER SEGUNDA LÍNGUA

CÉREBROS COM MAIOR CONECTIVIDADE TÊM MAIS FACILIDADE PARA APRENDER SEGUNDA LÍNGUA



Pessoas capazes de aprender uma segunda língua com menos esforço podem, na verdade, estar se beneficiando de um cérebro mais bem preparado para a tarefa. É o que sugere uma pesquisa conduzida na Universidade McGill, no Canadá.

Os estudiosos usaram ressonância magnética para monitorar a atividade cerebral de 15 sujeitos que estavam prestes a iniciar um curso intensivo de francês. A análise se concentrou nas conexões estabelecidas entre diversas partes do cérebro e duas regiões especificamente associadas à linguagem: a ínsula esquerda superior, que participa da fala, e a área da forma da palavra, correlacionada à leitura. Após a análise cerebral, os sujeitos foram submetidos a testes de proficiência na língua francesa envolvendo leitura e fala, a fim de determinar seu grau de domínio da língua.

Uma vez concluído o curso, os alunos foram submetidos a novos testes linguísticos, a fim de identificar quais haviam

progredido mais. A comparação entre os resultados dos testes e a análise via ressonância mostrou que aqueles que apresentaram grande conectividade entre a ínsula esquerda superior e o giro temporal superior esquerdo tiveram pontuação maior nos testes de fala. Os que mais evoluíram na capacidade de leitura possuíam uma conectividade maior entre a área da forma da palavra e outra parte do giro temporal superior esquerdo. A pesquisa foi publicada na revista científica *Journal of Neuroscience* em janeiro. 🌐

Matéria originalmente publicada na revista **Neuroeducação**, edição 6

VOE COM SEU PROJETO DE VIDA

COLEÇÃO DE ACORDO
COM AS
COMPETÊNCIAS DA

BNCC

////////////////

DA EDUCAÇÃO INFANTIL
AO ENSINO MÉDIO



CENTRAL DE RELACIONAMENTO COM O CLIENTE
0800 772 2300 || www.opee.com.br || www.ftd.com.br

METODOLOGIA
OPEE
projeto de vida

FTD
EDUCAÇÃO

StandFor Evolution

Formando alunos bilíngues para o mundo.

StandFor Evolution é uma proposta da FTD Educação de carga horária estendida desenvolvida para empoderar o ensino-aprendizado de inglês. O projeto proporciona aos alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio o estudo de uma segunda língua, ampliando experiências, vivências e tornando-os cidadãos bilíngues e aptos para interagir além dos muros da escola.



**Certificação
internacional
para o aluno**



Expõe os alunos a diferentes conceitos culturais.



Melhora a competência linguística.



Prepara para a vida profissional e amplia as oportunidades de emprego.



Aumenta a motivação para aprender uma segunda ou mesmo uma terceira língua.



Desenvolve as competências do século XXI.

StandFor
Quality in English Education.

FTD
EDUCAÇÃO

CENTRAL DE RELACIONAMENTO COM O CLIENTE
0800 772 2300 || standfor.com.br